A LUTA

Orgam da União Operaria Internacional

Anno 12 (2.ª phase) | RIO GRANDE DO SUL (Brazil) — Porto Alegre, 14 de Outubro de 1918 | NUM. 3

AGIR!

A necessidade inelutavel de alento, de um estimulo ao espirito de combatividade no nosso meio, leva-nos, quasi força-nos a confiar nos beneficios de um transmittidor de impressões e de ideias, que seja o jornal, afim de que nos associemos pelo que ha em nós de intimo, de consciencioso e que parece que só desta fórma pode se exteriorizar, manifestar-se com ordem e discernimento.

E o recorrer-se para este meio, não significa apenas que queremos dizer o que pensamos, sinão que manifestamente ou implicitamente appellamos para a solidaríedade de outrem em apoio do que pretendemos.

Mas... realmente, que é que sentimos, nós operarios, neste momento, que nos leva á publicação de um jornal? Creio que é facil a resposta: a necessidade de reagir contra o meio que nos envolve numa quasi asphyxiante athmosphera. Para reagir, porem, contra um peso tão superior a uma simples força individual, é necessario um augmento consideravel de forças individuaes, até formar uma força collectiva.

E isto só se consegue pela solidariedade. Nós appellamos para esta, isto é, para todos aquelles que sentindo o mesmo mau estar pretendam pelo menos não ficar inactivos, indifferentes, julgando que estão sós para desenvencilharem-se das difficuldades materiaes que soffrem.

Não julguem os timoratas ou não timoratas que ha certos momentos na vida dos povos em que é necessario calar até o proprio instincto porque isso convenha a essas determinadas occasiões.

Não! a vida não se abdica nunca! Não ha circumstancias, não ha situações por maiores que sejam que superem um momento siquer de conservar-se, do direito á vida!

As diabolicas convenções humanas querem a todo o transe sujeitar-nos a uma super-vontade immoral, illogica — a de nos immolarmos. Mas essas convenções humanas são, e foram sempre, contrarias ao instincto, contrarias á razão, e até mesmo contrarias á vida...

Ha só uma vontade omnipotente no mundo: — é aquella que affirma categoricamente que a vida é uma contingencia da luta, isto é, que aquella é um resultado da constancia desta.

O que num dado meio egoistico e num dado momento tenta prevalecer para resultar em beneficio de alguns, é uma luta de fortes contra fracos, isto é, uma imposição que se levanta e fatalmente ella esmagará aquelles ingenuos e fracos que a ella se resignarem e obedecerem.

Vejamos, pois, só por este lado que é de accordo com as leis naturaes da vida, a parte que nos toca na luta com o concurrente ao nosso quinhão. Deixar arrebatal-a é consequencia de querer ficar isolado.

Quem teimar em lutar isolado contra um inimigo poderoso, é votar-se ao suicidio da maneira mais diabolica e deploravel.

Mas, estamos certos, a tendencia humana, a tendencia da vida, não é esta, nunca o foi. A manifestação instinctiva é a — Luta — e, conforme a occasião, revestirá a forma que lhe convém: ou por um systema de resistencia agindo pela pressão moral, ou por um methodo summario si a gravidade do momento o impõe: — a violencia.

Maximiliano Guerra.

DESMEMBRAMENTO DA INTERNACIONAL

Mil novecentos e quatorze!

Era a vespera duma festa. Ha cincoenta annos veiu á luz a internacional do proletariado. Por cima das fronteiras os paladinos da revolução social estendiam mutuamente a mão fraterna, em plena convicção que os estados são machinas poderosas da exploração capitalista, cujos orgãos o proletariado havia de romper, conquistando a fraternisação internacional. Desde então deviam os operarios pensantes de todos os paizes sentir-se como companheiros de luta e não se deixar mais, por um irracionismo servil, instigar pelos governos e exploradores, que, segundo methodo internacional do trabalho, sugam o sangue e com intrigas patrioticas nacionaes procuram fraccionar e estupidificar o proletariado.

Isto daria bem uma festa, a guerra porém transformou-a num lugubre funeral.

A Internacional foi consagrada á morte aos cincoenta annos de existencia; entre as linhas de batalha foi ella ultrajada e asfixiada na torrente de sangue fraterno. Alguns delegados ao congresso socialista internacional já se achavam em viagem, afim de festejarem novamente a democracia social que havia de confraternisar os povos, e eis que arrebenta a guerra. Então haviam elles e todos os seus partidarios de desfraldar o baluarte da Internacional e dar xeque aos governos capitalistas homicidas!

Elles são em numero consideravel. 5.000.000 de homens sómente na Allemanha votaram pelo partido socialista.

Elles escolheram seus postos e quando se dissiparam todas as nuvens de phraseados — viu-se os fanfarrões da Internacional ao lado deste mesmo governo capitalista.

No momento em que se devia salvar a Internacional do tumulto sangrento duma carnificina mammonistica e da embriaguez da guerra, foi ella covardemente abandonada e trahida. Cantar a «Internacional» seria alta traição, portanto cantemos «A guarda do Rheno» («Die Wacht am Rhein») e «Deus te tenha nos louros da victoria» («Heil dir im Siegerkranz»).

A democracia social allemã — sempre uma amostra patenteada para os outros paizes — effectuou o sepultamento da Internacional. Ella consentiu o emprestimo de guerra. Os seus Scheidemann's e Bernstein's esforçam-se em artigos, nos quaes não existe a mais estupida analogia com socialismo, em demonstrar que esta guerra é internacional e não uma guerra de dynastia ou de capitalismo.

O leitor crê tratar-se dum nacional ou liberal emquanto não lê o nome do autor. E' realmente um socialista! Mas já maduro para se tornar socio honorario da união pangermanista da alliança de guerra. Dai-lhe a cruz de ferro, mesmo quando elle não combate na linha da frente pelo imperador e pelo reino. Elle fez mais pelo estado, capitalismo e guerra do que si tivesse destruido uma bateria. O unico perigo verdadeiro para a dynastia dos exploradores e patriotismo de sangue é a internacional proletaria; tambem o politico socialista ajudou a estrangulal-a. Dailhe tambem uma magistratura e vereis como elle a administrará com dedicação para maior honra do estado policial e militar.

O Kaiser grasnou: «Eu só conheço allemães». Clemencia inesperada! Apressai-vos, companheiros, e aproveitai isto para que nunca mais se ouça grasnar: «Canalha sem patria». Oh, nós queremos nos mostrar dignos desta affabilidade imperial. Os fidalgos, clericaes e burguezes accionistas em seus gremios patrioticos já deram por suspenso o combate á democracia social. As folhas sociaes democratas podem ser vendidas nas estações de estrada de ferro pelo seu merito patriotico e os economistas do partido e das corporações sociaes democratas fazem ao governo importantes advertencias, como se deve proteger da fome e das crises. E' uma lagrima de crocodilo que brilha. Sómente agora é que se reconheceu o nosso interior! Quizeramos sempre aproximarmo-nos cada vez mais da zona central do estado. Louvada seja a guerra que mostrou aos potentados que os nossos corações são sinceros. Elles não fizeram mais do que assobiar e nós largamos de mão a traparia internacional. Oxalá que a recompensa corresponda á grandeza da traição!

No Ministerio francez já deliram Viviani, Millerand, Briand, Guesde e mais alguns cavadores menores, todos educados no movimento socialista. E' um verdadeiro ministerio de renegados. A mesma choraminga dos partidarios de Scheidemann e Bernstein, que elles não podiam entregar a Allemanha aos kossacos, ouviu-se destes mesmos discipulos da Internacional em relação á Allemanha. Elles poderiam arruinar a cultura da França, porém não poderiam eliminar o barbarismo prussiano da Allemanha! Tambem Vandervelde, que aconselhava a greve geral internacional como protesto contra a guerra, fez-se ministro na Belgica. Viva a guerra, ella abriu aos chefes sociaes democratas o caminho para a administração do estado.

Socialismo, solidariedade, trabalhadores de todos os paizes, até a preciosa «concepção materialista da historia», são ainda apenas pedaços de papel.

Quererão ainda algum dia estes politicos ajuntar estes pedaços de papel para reconstruir a imagem da Internacional? Decerto entre elles muitos contam com isso para o caso em que a sua diplomacia não se revele sufficientemente diplomatica, quando a especulação nos presepes e panellas do estado burguez frustar, então o proletariado será novamente utilisado como unto em novas experiencias politicas, sob a exclamação: «Proletarios de todos os paizes, uni-vos». A phrase que os politicos sociaes democratas tão bem interpretam actualmente:

«Proletarios de todos os paizes, suicidae-vos!»

Frederico Kniestedt.

Porto Alegre, outubro, 1918.

A LUTA

Toda correspondencia deve ser dirigida á séde da União Operaria Internacional, á rua Tiradentes, 19.

A Luta publica-se eventualmente e por contribuição voluntaria, sendo a sua distribuição gratuita.

Que querem os anarquistas?

Estudando a miseria e as suas causas, os males que a todos advêm do regimen da propriedade privada e do Estado, as injustiças do salariato, o modo de producção e os progressos da industria e das machinas, entendem os anarchistas que é possivel e necessario substituir a presente maneira de viver dos homens uns com os outros por uma organização social mais justa e harmonica, mais conforme com as actuaes possibilidades de producção e com as necessidades urgentes dos seres humanos

Os anarchistas são, em geral, partidarios do communismo (ramo de socialismo). Querem a abolição da propriedade particular da terra, materias primas e instrumentos de trabalhos, que passarão a ser de todos, para que ninguem tenha meio de viver desfructando o trabalho d'outrem e para que todos, tendo seguros os meios de producção e de vida, sejam verdadeiramente independentes e possam associar-se aos outros livremente, tendo em vista o interesse commum e em conformidade com as suas sympathias (Malatesta).

Mas o que os distingue entre os outros socialistas, é que são adeptos de anarchia (an, sem; arkhe, governo, autoridade). Querem a abolição do governo e de qualquer poder que faça leis e as imponha aos outros pela violencia»; querem a «organização da vida social por meio de livres associações e federações de productores e de consumidores, feitas e modificadas segundo a vontade dos competentes, guiadas pela sciencia e pela experiencia e livres de qualquer imposição que não provenha das necessidades naturaes, a cada um, vencida pelo sentimento mesmo da necessidade ineluctavel, voluntariamente se submette» (Malatesta).

Para explicar e defender estas ideias têm os anarchistas publicados e continuam a publicar, em todas as linguas, uma quantidade enorme de livros, (*) folhetos e jornaes, que já alguns estudiosos imparciaes, não anarchistas, têm condensado.

Os anarchistas, inimigos da autoridade, da oppressão, da coacção, pretendem a supressão da violencia organizada, exploração do homem pelo homem, duma classe pela outra; querem, porque são anarchistas, banir a violencia das relações sociaes.

Mas na realização deste escope, estão divididos. Uns, como Tolstoi, só ad ittem a resistencia passiva, a não obediencia ao mal.

Os outros — e são a grande maioria — são revolucionarios ou insurrecionaes (alem de anarchistas), isto é, admittem o emprego da força para remate da evolução que se realiza no sentido libertario e como resistencia á violencia e á oppressão. Acham que a força, além de inevitavel, perante a incapacidade de abdicar das classes oppressoras, é altamente moral para evitar o prolongamento de mal immensamente mais doloroso. E disto não os pode culpar nenhum dos partidos politicos existentes que empregam diariamente a força, não só como legitima defesa, como os anarchistas, o que é justo, mas para oligarchias sanguinarias conquistar e conservar o poder, sobre o sangue de milhares de victimas humanas immoladas á sua insaciavel sêde de ouro e de dominio.

Se anarchismo não significa siquer insurreição, greve geral revolucionaria, sendo coisas differentes, embora juntas muitas vezes, com mais razão o attendado politico — durante o periodo evolutivo que atravessamos — não faz parte do programma anarchista.

Se ha anarchistas que o praticam, não é como taes, mas apenas como opprimidos, perseguidos, violentados. Não são attentados „anarchistas", mas actos de revolta, instinctivos, inevictaveis, respostas de baixo ás violencias do alto.

E são tão humanos e naturaes que sempre que um grupo de homens, mesmo o mais conservador, se sente opprimido, o attentado, o tyrannicidio é invocado, applaudido. Os anarchistas têm sido ainda os mais moderados; todos os partidos e seitas o têm usado em occasiões opportunas: catholicos, que o justificaram e praticaram, como os frades Jacques e Clément e Ravaillac; patriotas, como os italianos da indépendencia, Oberdan e Orsini, e os irlandezes; republicanos, como Nobling, Passanante, Marcellino Bispo, Costa, Buiça, Manso Coimbra, etc.; socialistas democraticos (não anarchistas, como Goedel e grande numero de nihilistas russos, etc., etc. A lista seria interminavel.

Na longa série através da historia, entram modestamente os anarchistas; e os seus actos de revolta, como o dos outros opprimidos, ainda quando producto do desespero d'algum infeliz ou acossado pela perseguição, ainda quando inefficazes e mal dirigidos, têm um evidente caracter politico e desinteressado.

(*) A Caminho da Sociedade Nova (Cernelissen), Sociedade Futura, Soc. Moribunda e a Anarchia (J. Grave), Dor Universal (S. Faure), Amor livre (Naquet), Conquista do pão, Palavras dum revoltado (P. Kropotkine) Psychologia do Militar Profissional, Socialismo e Anarchismo (A. Hanon), Syndicalismo e a proxima Revolução (Pouget), Anarchismo (P. Eltzbacher), Os emancipados, O Ideologo (Fabio Luz), Regeneração (Curvêllo de Mendonça) etc. — 1$500 o volume nas Livrarias Americana e do Globo, desta capital.

∴ Não queremos palliativos para remediar as miserias da Humanidade, e sim uma transformação radical para que ella seja verdadeiramente feliz.

PRUSSIANISMO

....

Sim, precisamos agora, é combater o prussianismo entre nós, no nosso paiz, nos nossos lares.

Ha, em cada paiz, uma numerosa classe de interessados em propagar o prussianismo nas suas mais perigosas e immoraes manifestações. Com esses prussionistas nos accotovelamos cada dia nas ruas. Distinguem-se pelo seu aspecto insolente, revestido de um orgulho fatuo e irracional, olhando a todos com um desprezo de superioridade, julgando-se elles, os unicos individuos que têm direito á vida, porque trazem afivellada á cinta uma espada, symbolo torvo da violencia que celebrisou na Historia os subditos fanaticos do kaiser sinistro.

E' preciso que os homens de sentimentos e cultura, aquelles que do estudo o observação dos factos tiram illações para o futuro, façam compreender a esses rebentos exoticos do prussianismo, que este, esmagado pela humanidade no seu antro principal, para felicidade da especie, é necessario que jamais, sob que pretexto e que rotulo seja, deverá levantar o collo, porque a sua epoca já passou e a humanidade evoluiu para uma nova era em que a força bruta do militar cedeu lugar á força da razão e da justiça.

Combatamos, pois, o militarismo, nos nossos lares; não deixemos que nossos filhos envenenem a alma lendo ou ouvindo narrativas em que o supposto merito militar seja exalçado. Na escola não permittamos que o nosso filho — que queremo-lo educado para o bem e para o amôr — cinja um uniforme ou empunhe, siquer por brinquedo, uma arma, que lhe sugira a idéa malevola do assassinato, do odio, da rapina, da devastação.

Não permittamos que as nosas crianças troquem as suas cantigas innocentes e acres pelas canções guerreiras, vestigios selvagens que a civillsação apagou com sangue, e assim combateremos a possivel eclosão do prussianismo que é necessario que fique morto em todos os paizes, em todos os lares, em todos os corações, não despertando a sua lembranca sinão o pavor e a repulsão que merecem os canibaes, horrendos na sua torpe inconsciencia.

E' preciso que os homens de coração, aquelles que já evoluiram intellectual e moralmente para homem, aquelles que moralmente representam um novo typo na especie humana e que portanto desejam para a humanidade uma era de paz e trabalho, justiça e progresso — christão, maçon, socialista, anarchista, positivista, espirita, não importa que credo tenh — se unam, se congrassem e se intendam neste ponto capital para a felicidade dos povos: é preciso extinguir o militarismo.

O militarismo, que floresceu no prussianismo, fez a desgraça da humanidade e não é possivel pensar na felicidade desta sem a destruição daquelle.

....

(Do livro *Prussianismo*, a apparecer).

Helio Fulgente

A patria d'elles e a nossa...

E' curiosa a ira mal velada com que alguns jornalistas e burguezes se referem aos extrangeiros «perturbadores da ordem». A propria burguezia achando conveniente a imigração, procura por todos os meios, até com o engano, fazer propaganda nos paizes migratorios com o fim de atrahir para cá o maior numero possivel de trabalhadores extrangeiros que vem enriquecer com o seu labor o paiz. Os burguezes, porém, exigem que os extrangeiros percam o direito de pensar e exclusivamente trabalhem para encher os bolsos dos patrões.

A' menor reclamação, dos operarios extrangeiros contra a exploração capilalista, se lhes insulta e se lhes ameaça, com a expulsão. Emquanto estão aproveitando dos esforços dos que aqui não nasceram tudo vae bem, até os lisogeiam com referencias á «laboriosa colonia italiana, allemã, etc»; porém, quando os laboriosos se julgam com direito a serem tratados com um ponco mais de humanidade e reclamam, surgem os jornalistas *patriotas* indicando á palicia os *hospedes ingratos* que tem o desaforo de perturbar a digestão dificil dos srs. patrões, sejam estes nacionaes ou extrangeiros, já se vê.

Os operarios nacionaes não podem ser expulsos (e quem sabe?...) mas podem sofrer perseguições e injustiça que os jornalistas silenciarão cuidadosamente e patrioticamente...

Porque não uzam um pouco de franqueza srs. burguezes? Defendam vossa casta mas sem recorrer á infamias deste jaêz.

A verdade é que não se trata nem de extrangeiros nem de nacionaes, mas sim de operarios e patrões, senhores e escravos, interesses que se chocam, sem se importarem os contendores se sobre suas cabeças tremula o «auri-verde pendão» ou outro pendão de qualquer outro matiz.

A patria do burguez é o dinheiro e a do operario é o mundo! *Pery Helio.*

CONCLUSÕES LOGICAS

A ordem social só pode existir como uma conclusão da igualdade.

A igualdade é o resultado da soberania de cada um.

A soberania de cada um é a liberdade individual.

A liberdade individual é a affirmação do povo.

A affirmação do povo é a negação do governo.

Negação de governo é anarquia.

Libererata.

DEUS E A GUERRA

Nos dias em que Deus mandou o diluvio para afogar os homens por elle escomungados, como ratos na ratoeira (com excepção de Noé, sua embriaguez, familia e arca de bestas), ainda era a sua energia nova e fresca. A sua ira era legitima, elle não se mettia em compromissos politicos ou religiosos. A desobediencia revelada no fruto prohibido logo após a creação do mundo, indispôz o Senhor, que começou a desconfiar daquella pequena humanidade, que ainda não conhecia theologia e que entretanto já era dada a lhe fazer pescanço, ao Todo Poderoso.

Innocente criancice foi isto, comparado com o que agora se dá sobre a terra, e o proprio Deus tem hoje de confessar, que a sua ira de exterminar daquelle tempo é um singular contraste, com a sua passividade actual.

Todos os estados christãos mandam agora convidal-o, para, como poderosissimo chefe de canhoneiros, alliar-se ás suas artilharias na guerra e esmagar os exercitos dos inimigos fidagaes.

O christianismo, cujos ministros pregam por toda a parte, ser a religião da paz, do amor, e que sacrifica aos «selvagens pagãos» os seus missionarios, para convertel-os á cultura christã de canhões e a uma civilisação requintada, é nesta guerra interpretado de tal forma pelos diversos chefes da guerra, que cada qual representa isoladamente a verdadeira civilisação christã, emquanto as nações christãs inimigas não merecem mais do que ser arrasadas da terra por graça de Deus Guilherme II requestrou Deus, na fé de que elle estrangulará logo os inimigos em divisões. A camarilha imperial de Vienna saúda-o por isso, tambem na fé céga que Deus estará ao lado da casa de Habsburgo. A' frente dos exercitos russos conduziu-se a imagem dum santo, que, segundo elles, tinha grande influencia no throno de Deus.

Os soldados inglezes, conforme se sabe, levam comsigo uma pequena biblia e rezam para que Deus torça o pescoço dos inimigos, antes delles investir um ataque a baioneta. Por sua vez o presidente Wilson, a 4 de outubro de 1914, procurou influenciar o Senhor Deus diplomaticamente, com uma prece geral. As diversas nações christãs que se mesclam na America do Norte, aproveitaram a oportunidade officialmente determinada para pedir a Deus o exterminio dos seus inimigos fidagaes na Europa.

A situação de Deus não é invejavel. Além disso as mais bellas casas de Deus, altares e ossadas de santos, são demolidas sem consideração pelos generalissimos christãos! O seu nome é pisado no lodo das batalhas e a sua propriedade demolida, apezar de ser elle contra a idéa dos revolucionarios sociaes, soffrer a testemunhagem da sua expropriação, elle que é de opinião que ordem e poder devem existir e que a propriedade é sagrada.

E' entretanto em seu nome, na sua dignidade e seus bens que os autores destes ataques homicidas proseguem inabalavelmente, levando-o como o mais poderoso alliado para a frente de batalha, com a prece do crime nos labios para investir contra os soldados do outro lado que tambem aprenderam o seu catecismo e que tambem contam o seu rosario, como o lobo se precipita nos rebanhos.

Que Deus resurja na sarça ardente para mostrar aos seus fieis sanguinarios, que elle não é objecto de joguete, até nós atheus o desejamos.

Quando os pagãos souberem um dia, a maneira como os estados christãos interpretam os mandamentos da biblia e que na terra, no ar e nas aguas só têm no pensamento a mortandade em massa, então abraçarão elles seus velhos ídolos, os quaes na verdade nunca foram testemunhas ou protectores de tanto derramamento de sangue, como o que agora as nações christãs expõem á scena na terra.

Frederico Kniestedt

A gréve geral e a Revolução Social

A greve geral é, ás vezes, simplesmente local, estende-se a um municipio ou a uma região; ás vezes é corporativa, abraça apenas os operarios duma só e mesma corporação. E' impropriamente que essas especies de greves geraes, só para uma localidade ou para uma corporação, são qualificadas de greves geraes. Mas que amanhã as cidades sejam mergulhadas na obscuridade, que amanhã os caminhos de ferro não transportem mais nenhuma mercadoria, nem um viajante, que amanhã os empregados dos correios, dos telegraphos e dos telephones impeçam todas as communicações á distancia, que amanhã os que amassam o pão cruzem os braços, os que constroem as casas não queiram manejar a pedra, os que tecem os vestuarios se recusem a pôr em movimento as machinas, que amanhã, numa palavra, todos os que produzem, que mantêm a riqueza social declarem que as condições que lhes são feitas se tornaram intoleraveis e que não querem sofre-las por mais tempo, então será greve geral — revolução e então se verá o enlouquecimento do Poder.

Quando estala uma gréve num canto minusculo do territorio, em vão os que a declararam mostram uma energia indomavel; o governo sabe que ha meio de os fazer calar, póde concentrar todos os seus esforços no que chama o theatro da gréve. Mas se não houver sómente um foco de greve, mas dez, vinte, cem, mil, então o Poder ficará completamente desorientado, os espiritos estarão sobreexcitados, em todos os cérebros reinará a effervescencia, as vontades serão cada vez mais estimuladas, todos esperarão o dia seguinte com angustia, todos dormirão no campo de batalhas, sentindo que, desta vez, a partida é deciva.

Sem contar que quem tiver dito a seus amigos: «Fazei gréve, basta cruzar os braços para que os patrões cedam», saberá muito bem que, alguns dias depois, os braços se descruzarão de per si! Não é uma prophecia sem consistencia: é a propria evidencia que o faz saltar aos olhos. Sem produzir, póde o homem viver, mas sem consumir é que não; e é por isso que, quando ao cabo de dois, tres, quatro ou cinco dias, o operario em gréve geral tiver comprehendido que tudo o que existe lhe pertence, quando estiver compenetrado desta verdade que tudo lhe é devido, que tudo lhe foi roubado, que por consequencia, tem o direito de tomar tudo e que isto não passa duma restituição, um acto de justiça portanto, nesse dia, imaginais que, em presença dos thesouros sahidos das suas mãos, em face desse amontoamento de productos de toda a natureza exigidos pelo seu estomago, praticará a loucura de conservar os braços cruzados?

Ah! os mesmos que, no principio estejam bem decididos a esse movimento de passividade, hão de comprehender que passou o tempo da resignação; que morrer por morrer, vale mais, em vez de rebentar de fome, como um cão á beira dum fosso, morrer defendendo a vida. E escuso de dizer que esta apprehensão, não graças ás excitações de alguns agitadores, á eloquencia arrebatadora de alguns chefes, á influencia ou á autoridade moral de alguns tribunos, mas graças á uma força bem mais importante, graças á fatalidade das cousas, será uma especie de expropriação, brutal sim, mas completa e definitiva.

Sebastião Faure.

Paris.

O NOSSO DIA SE APPROXIMA...

Surgindo, qual um sol, destinado a subjugar definitivamente as trevas multiseculares, a Revolução Maximalista (*), abalou, e se propõe para, em breves dias, reduzir a escombros o edificio burguez e tudo quanto se tem proposto fazer para sua conservação.

Não nos propomos a explicar aqui «o como» e «o porque» de, se terem transcorrido tantos seculos de torturas, infligidas ao homem pelo homem; sem que este se tenha resolvido dar por finda a tão cruel instituição que mercadejou a humanidade tanto em materia como em consciencia.

O nosso objectiva é tão somente annunciar o advento da nova éra em que não mais prevalecerá o direito de alguem sobre nós, mas, que todos teremos indistinctivamente a mesma porção de direitos a gosar e os mesmos deveres a cumprir.

A burguezia ao combinar o plano da actual guerra, não soube apreciar bem o seu futuro; mas, como via aproximar-se a revolução social que os camaradas incançavelmente propagavam, e, em maior parte das vezes com prejuizo de suas proprias vidas (Vidas preciosas! resurgi-vos um momento, para contemplar o triumpho de vossa gigantesca obra!) resolveram mover uma contra propagar áquella enchendo o mundo de odios, dividindo-o em uma infinidade de raças, nacionalidades, castas, etc. Proclamando a cada «grupo» de homens, a necessidade de odear e combater a outro determinado «grupo»... unicamente porque o chefe daquelle, quer ser superior a este; emquanto que noutro lado se faziam as mesmas *fitas*...

Chegaram ao que queriam, a «guerra» fez-se... Para proseguir, a burguezia dispoz de tudo que possuia: a Imprensa, o Telegrapho, a Espionagem secreta, etc., mentiram, deturparam, calumniaram. Em todas as pseudos raças cometeram o mesmissimo crime com a mesmissima falta de vergonha... Em todos os Paizes (sem excepção) os libertarios foram prezos aos milhares como *Terroristas*, como agentes dos governos contrarios. A massa bestializada, applaudia todos os actos burguezes...

A Revolução Maximalista, como producto da dôr universal, como filha da humanidade; annunciada e propagada por tantos homens eminentes de epocas differentes; desejada por tantos corações magnanimos; sustentada por todos aquelles que professam o mais elevado dos Ideaes, espalhados por todos os pontos do Globo, não podia tardar.

A Revolução Maximalista, veio dar o golpe decisivo sobre todas as instituições actuaes, fazendo com que cada homem se reconhecesse como homem, e como tal pertença á humanidade; abolindo assim o direito de raças, confundiu-as todas na — Humanidade;

Abolindo a propriedade privada, reconheceu a terra como — patrimonio geral;.

Calcando aos pés a religião sob todos os aspectos (que tinha por objectivo sustentar propriedades, direitos de governo, de raça, de nacionalidade, de casta, de classe, etc.) faz com que cada qual, livre de toda opressão possa estudar e pensar — como melhor entender.

Renegou todo systema de governo, para que ninguem seja coagido fazer aquillo que não estiver de accordo com sua propria natureza.

Reconhece o amor livre como unica base da felicidade conjugal.

— Ora diante de tantas bel-

lezas para o homem, como as acima referidas a burguezia, como animal mais feroz de tudo quanto se possa imaginar, tem procurado por todos os meios abafal-a; chegando ao ponto de, com titulos de libertarios, socialistas e anarchistas, lançar milhares de calumnias sobre os maximalistas, eis a «espionagem» de todos os governos.

Porém, aos desanimados e descrentes do nosso Ideal, direi:

— Dado o modo porque foi feita o revolução maximalista, isto é, por — *operarios, soldados e camponezes,* — os que são incontestavelmente o verdadeiro povo; abolindo propriedades privadas, dividas e extinguindo preconceitos de raças, castas, nacionalidades, classes, côres, religião etc., passando a viver em commum conforme a divisa: — «Todos por um, um por todos.»

Tendo o telegrapho burguez, dado as mais desencontradas noticias, lançado calumnias ás toneladas sobre os camaradas agora emancipados.

Ha ainda quem se desanime dando credito á imprensa burgueza que, hoje mais do que nunca precisa mentir.

Pois, emquanto se noticiar que ha partidos anti-maximalistas na Russia, tcheco-slovacos, monarchistas ou republicanos (seja qual fôr o seu nome) e que pretendem auxiliar os alliados rompendo com os Imperios Centraes ou constituir a Russia em nacionalidade que deve ser regida por governos baseados em propriedades dividindo novamente os homens em classes, ou coisa parecida; Então podemos affirmar de fronte erguida, sem temer a contestação alguma, que o maximalismo na Russia triumphou e, todas as noticias contrarias não passam de mentiras destinadas a amordaçar o espirito revolucionario, que ameaça irromper em todos cantos do mundo.

Concluindo, cremos que, mesmo que a burguezia possa deturpar, será impotente para retardar a marcha já accelerada, que breve implantará a Liberdade no mundo. E do alto dessas columnas brado: operarios, soldados e camponezes — o nosso dia se approxima!

Maximo Evidente.

NOTA DO AUTOR — Proponho não se chamar mais Revolução Russa, para não girarmos no mesmo circulo vicioso, mas sim revolução maximalista para que se comprehenda como revolução da humanidade, e não de nacionalidade russa ou da raça slava. Pois os seus collaboradores foram de todos os logares e de todos os tempos. O seu triumpho dependeu da madureza da humanidade. . . além disso, não será circumscripta á nacionalidade russa, porque breve será geral. E' questão de tempo apenas.

CULMINANDO A INFAMIA

Por occasião da ultima greve em que estiveram envolvidos os trabalhadores desta capital, jungidos á mais desbragada exploração burgueza, entre outras medidas repressivas com que o governo do Estado entendeu suffocar a velleidade do trabalhador pretender uma migalha mais de pão, foi posta em pratica a de o commandante da Brigada Militar, ir parlamentar com os grevistas nos Navegantes, onde entre ameaças e conselhos procurava fazer com que os operarios não perturbassem a digestão dos capitalistas.

Aquella autoridade, que tinha a reforçar-lhe os argumentos, um piquete de soldados, armados e embalados, surprehendeu-se de encontrar entre os operarios quem soubesse discutir e formular com clareza o que queriam e pensavam os trabalhadores.

O coronel concluiu, muito logicamente que aquillo era obra dos anarchistas extrangeiros, pois, segundo o criterio burguez o operario nacional é burro e não faz greve e nem sabe o que quer.

Mas o que indignou não só ao coronel como as demais autoridades que o acompanhavam, foi o facto de haver uma operaria, uma menina quasi, que com S. S. susteutou cerrada discussão e pleiteou desassombradamente os direitos da classe trabalhadora.

Passada que foi a greve, as autoridades do 4º districto se encarregavam de fazer áquelle menina todo o mal possivel naturalmente com o o intuito de arredal-a da propaganda operaria.

A alludida joven, que se chama Anna Schide, trabalhava na Fabrica Schaitza, de onde foi despedida bem como seu velho e honrado pae. As autoridades avisaram a todas as fabricas do bairro dos Navegantes que não dessem trabalho aos dois, pae e filha Schide.

Não ha commentarios possiveis diante de cobardia de tal jaez praticada pelos sequazes da autoridade, perseguindo tão ferozmente uma operaria por saber defender os seus direitos de operaria.

Como um protesto a tão infame proceder, o operariado dos Navegantes, num gesto nobre e consciente, se cotizou e evita que Anna Schide e seu velho pae caiam na miseria por falta do trabalho que lhes é tão miseravelmente negado.

Bases da Liga Antimilitarista do Uruguay

A Liga Anti-militarista do Uruguay, ante os propositos reaccionarios e as naturaes necessidades da propaganda;

Considera: que urge intensificar a propaganda internacional e antimilitarista, afim de que os ideaes de solidariedade e emancipação humana, se ampliem e se tornem mais profundos no povo e impossibilitem assim para sempre, as aventuras guerreiras que só beneficiam as classes dominantes;

que a efficacia da propaganda está na razão directa com o valor logico com que se a encare; pois não é combatendo unicamente o serviço militar obrigatorio que se garantirá a paz;

que os males do militarismo e da guerra são proprios tambem da actual organização economica, baseada no esbulho e na violencia;

e que o interesse do proletariado está, não na manifestação de um humanitarismo platonico, diante de eventualidade sangrenta de uma guerra, sinão na reivindicação effectiva de todos seus direitos, usurpados pelo Estados e o Capital que provocam mais victimas, mais desgraças e mais dores que a propria guerra.

Por isso, a Liga Anti-militarista, interpretando as aspirações e as idéas do povo, resolve:

Combater os projectos de serviço militar obrigatorio, de educação militar na Escola, de ampliação do orçamento da guerra, como quaesquer medidas governamentaes ou particulares que tendam a intensificar a preparação guerreira dos paizes; propagar as ideias internacionalistas e antimilitaristas; vincular-se com os organismos afins de outros paizes e desenvolver toda outra acção que traga beneficios á causa que defendemos; para o que organizaremos conferencias e assembleas, editar manifestos e folhetos e collaborarmos em todas as iniciativas que signifiquem ideas de justiça e liberdade.

Pedimos aos homens livres que habitem noutras regiões e desejam uma humanidade melhor, emancipada do preconcelto patriotico e livre, portanto do flagello da guerra e do militarismo, secundem nossa acção, constituindo organisações analogas á nossa; e, por ultimo, submettemos á consideração de todas as sociedades operarias, agrupações anarchistas, centros de estudos sociaes, comités antimilitaristas e todas as instituições que noste paiz lutam pela implantação de um regimen de liberdade e solidariedade humana, as bases acima expostas, esperando que adhiram moral e materialmente, a esta iniciativa, enviando um delegado que os represente nas nossas reuniões.

Pela Liga Anti-militarista: *Arturo Pampim,* secretario; *Germinal Forni,* sub-secretario. — Montevideo, Setembro 29 de 1915.

A infamia da policia

A policia desta capital, no afan triste de defender *á outrance* os cofres da burguezia exploradora, tem ultimamente desenvolvido uma perseguição feroz á classe trabalhadora.

Repetem-se as intimações e prisões de trabalhadores cujo unico crime é o de militarem nas associações operarias e se interessarem pela sorte de seus companheiros victimas da mais desenfreada ladroeira dos desalmados capitalistas que dia a dia enriquecem á custa da miseria de todos nós.

A policia, da qual fazem parte, como aliás lhe é inherente, os individuos mais ignorantes e de mais baixos sentimentos, não pode vêr um operario que lute pelos interesses vitaes de sua classe, sem que o considere, de accordo com as ordens vindas do alto como perigoso inimino e contra quem — semelhantemente como fazem os fanaticos do kaiser — toda a infamia é licita.

A covardia dos miseravèis defensores das burras dos capitalistas chegou ao ponto de agredirem de emboscada a operarios que uma vez presos são maltratados e feridos com requintes de bestas carniceiras.

Foi o que aconteceu ao nosso camarada canteiro Ignacio Ferreira que, inopinadamente posto entre dois revolvers de esbirros entregou-se á prisão, sendo amarrado e espancado pelos repellentes cães da burguezia.

E tendo Ferreira pedido para ser examinado por um medico da policia, as autoridades immediatamente *cavaram* um *secreta* boçal e desavergonhado que apresentou-se como tendo sido ferido pelo preso que, segundo elle resistira á prisão . . .

E' o cumulo do banditismo, posto ao serviço da burguezia endinheirada que quer transformar as classes pobres em bandos de famintos allucinados pela fome!

E quando esses bandos de famintos cometterem desatinos, o governo responderá a bala o pedido de pão para o povo . . .

Mas ha uma força superior ás balas dos bandidos! . . .

Pelo Internacionalismo vae a Humanidade caminho da Revolução Social.